



Universidades Lusíada

Pires, Vânia

Carneiro, Hélia Augusta Bracons

Suicídio e comportamentos suicidas dos jovens trans

<http://hdl.handle.net/11067/6574>

<https://doi.org/10.34628/j09s-3e95>

Metadados

Data de Publicação

2021

Resumo

Este estudo teve como objetivo caracterizar os fatores sociofamiliares que contribuem para comportamentos suicidas em jovens transexuais, e conhecer a sua perceção do assistente social numa equipa multidisciplinar de saúde. Baseou-se numa metodologia qualitativa, através de entrevistas semiestruturadas a dez indivíduos em processo de transição sexual. Utilizou-se análise de conteúdo e categorial. O estudo mostrou que metade dos participantes tentaram o suicídio, a totalidade acusava ideaçã...

This study aimed to describe the socio-familial factors that contribute to suicidal behaviours in trans young people, and to understand their perceptions in the inclusion of a social worker in a multidisciplinary health team. It was based on a qualitative methodology, through semi-structured interviews with ten individuals in the process of sexual transition. Content and categorical analysis was used. The study has shown that half of the participants had attempted suicide, all had suicidal id...

Tipo

article

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-ISSSL] IS, n. 57-58 (2021)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-05-04T17:02:10Z com informação proveniente do Repositório

SUICÍDIO E COMPORTAMENTOS SUICIDAS DOS JOVENS TRANS

SUICIDE AND SUICIDAL BEHAVIOURS OF TRANS YOUNG PEOPLE

Vânia Pires

ISS, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal
Mestre em Riscos e Violências nas Sociedades Atuais – Análise e Intervenção Social
Doutoranda em Serviço Social pelo ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa
ORCID ID: 0000-0003-4627-566X

Hélia Bracons

ISS, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal
Professora auxiliar no ISS da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
ORCID ID: 0000-0002-5363-4897

DOI: <https://doi.org/10.34628/j09s-3e95>

Data de submissão / Submission date: 30.04.2021

Data de aprovação / Acceptance date: 30.09.2021

Resumo: Este estudo teve como objetivo caracterizar os fatores sociofamiliares que contribuem para comportamentos suicidas em jovens transexuais, e conhecer a sua perceção do assistente social numa equipa multidisciplinar de saúde.

Baseou-se numa metodologia qualitativa, através de entrevistas semiestruturadas a dez indivíduos em processo de transição sexual. Utilizou-se análise de conteúdo e categorial.

O estudo mostrou que metade dos participantes tentaram o suicídio, a totalidade acusava ideação suicida e a maioria já praticou comportamentos autolesivos. Como principais resultados, em contexto familiar observou-se cenários de rejeição, agressão e expulsão. Na esfera social, observou-se uma harmonia com os pares, denotando-se uma fraca integração social. Quanto à perceção dos jovens relativamente ao Serviço Social, observou-se uma insipiência das competências do assistente social, apesar de alguns jovens expressarem a importância do profissional numa equipa multidisciplinar de saúde, como garante dos seus Direitos Humanos. Os participantes classificaram o suporte familiar como o mais relevante para resiliências salutares.

Palavras-chave: Serviço social; Transexualidade; Suicídio.

Abstract: This study aimed to describe the socio-familial factors that contribute to suicidal behaviours in trans young people, and to understand their perceptions in the inclusion of a social worker in a multidisciplinary health team.

It was based on a qualitative methodology, through semi-structured interviews with ten individuals in the process of sexual transition. Content and categorical analysis was used. The study has shown that half of the participants had attempted suicide, all had suicidal ideation and most of them had already committed self-injurious behaviours. As main results, in the family context, scenarios

of rejection, aggression and expulsion were observed. In the social domain, a harmony with peers was observed, although a weak social integration was denoted. As for the young people's perception of the Social Service, an insufficiency knowledge about the social worker's competencies was observed, although some young people expressed the importance of this professional in a multidisciplinary health team, as a guarantee of their Human Rights. The participants ranked family support as the most relevant for healthy resilience.

Keywords: Social work; Transgender; Suicide.

1. Introdução

A literatura corrobora as consequências da exposição a vários fatores de risco dos indivíduos transexuais. Pinto e Moleiro (2012) referem a perigosidade da fase da adolescência e puberdade no incremento de comportamentos suicidas, assim como o desgaste da saúde mental em indivíduos transgénero. Dejun Su et al. (2016) afirmam que a população trans está mais suscetível a sofrer sintomas depressivos (53.9% *vs* 33.4%) assim como efetuar tentativas de suicídio duas vezes mais do que os congéneres cis (37.7% *vs* 15.9%). Os autores acrescentam ainda que os indivíduos que se identificaram como transexuais tinham maiores probabilidades de acusarem discriminação, sintomas depressivos e tentativas de suicídio comparativamente a indivíduos autopercecionados como cisgéneros. Frazão (2014) sugere que os indivíduos transexuais que, efetivamente tentaram o suicídio, fizeram-no no seguimento de depressões, de vitimizações e de um historial de discriminação e abuso de substâncias. Reforça e destaca ainda a prevalência de abusos físicos e verbais dos pais, assim como uma dismorfia corporal, associada aos elementos transexuais, para a prática de comportamentos suicidários.

Esta investigação surge no âmbito da Dissertação de Mestrado em Serviço Social: Riscos e Violências nas Sociedades Atuais – Análise e Intervenção Social, defendida em provas públicas em novembro de 2020. Este estudo vem integrar e complementar as investigações que se escoram na temática da transexualidade e do suicídio, tendo como intento máximo o discernimento dos fatores familiares e sociais que podem concorrer para comportamentos suicidários do jovem transexual e auscultar a perceção do mesmo face à atuação do Serviço Social nas suas transições, perscrutando a necessidade de atuação do Serviço Social num processo de transição sexual.

Em Portugal, sob o desígnio da Direção Geral de Saúde, através do Sistema Nacional de Saúde, a URGUS é a instituição responsável pela assistência da saúde mental, tratamentos hormonais e intervenções cirúrgicas. Constitui-se por especialistas em Sexologia, Endocrinologia, Ginecologia, Urologia e Cirurgia Plástica e Reconstructiva. Tornou-se assim premente averiguar as conceções dos entrevistados sobre o espaço, capacidades e *know-how* do Serviço Social na inclusão direta à equipa multidisciplinar, assim como compreender as relações causais entre todos os domínios que propusemos explorar.

2. Método

Para esta investigação optou-se por uma abordagem qualitativa. A particularidade do nicho em estudo tornou emergente individualizar os dados em detrimento de os generalizar. Assim, a partir de um fenómeno concreto, circunscrito a um grupo de indivíduos, procurou-se descrever quais os principais fatores sociofamiliares que concorrem para o comportamento suicida em jovens transexuais masculinos. Foi usada a técnica da entrevista semiestruturada com recurso a guião e, para a organização dos dados, elegeu-se a técnica da análise de conteúdo onde se criou um sistema categórico de análise classificando os discursos por temáticas e operacionalizando variáveis abstratas em categorias, subcategorias e conceitos passíveis de se observar e contextualizar. Enumerou-se as transcrições decompondo-as em unidades de sentido (Fortin, 2009). As categorias foram eleitas tendo em conta os objetivos desta investigação. Após as questões terem sido agrupadas pelas categorias previamente estabelecidas, procedeu-se a uma análise de resposta individual e depois coletiva, onde se procurou padrões, repetições e transversalidades.

Tabela 1. Categorias e subcategorias em análise

CATEGORIAS	Suporte social	Discriminação	Suicidalidades	Serviço Social e outras Ciências Sociais
SUB CATEGORIAS	Família	Homofobia e Transfobia	Tentativa de suicídio	
	Grupo de Pares		Ideação suicida	
	Comunidade		Parassuicídio	

2.1. Participantes

Os participantes deste estudo foram definidos através de uma técnica de amostragem não probabilística. Coutinho (2016) e Pires (1997) acrescentam que esta técnica é a mais útil quando se trata de amostras difíceis de identificar e de alcançar ou se o material se referir a informações ocultas. Nesta amostragem por homogeneização, algumas variáveis gerais foram ainda consideradas, pelo que se definiram critérios de inclusão. Desta forma, para que a amostra fosse a mais heterogênea dentro da homogeneidade eleita, estes elementos deveriam otimamente: serem indivíduos transexuais, terem mais de 18 anos, serem FtM¹, estarem em diferentes fases na transição sexual e que, estivessem geograficamente distribuídos. Assim, alcançou-se 10 jovens transexuais masculinos, oriundos da área de Lisboa, Alentejo e zona Norte, com idades compreendidas entre os 19 e os 31 anos.

3. Resultados

No seguimento das respostas obtidas aos dez inquiridos e na concordância com os objetivos do estudo, foi possível apurar através dos testemunhos dos participantes, que os dez elementos apresentavam, na sua maioria, sinais evidentes de fragilidade mental e emocional, baixa tolerância à frustração, falta de autoestima e

¹ Female to Male – Transição de género e sexual de feminino para masculino

necessidade de validação externa, assim como uma incoerência e insegurança no autoconceito. Não obstante as tentativas de suicídio representarem metade da amostra, os comportamentos suicidas estendem-se à sua totalidade no caso da ideação suicida. As razões apontadas pelos inquiridos na tentativa de suicídio foram: ser transexual, falta de autoestima, sentir-se mal com ele próprio, falta de apoio dos pais, mãe e/ou família, medo do desconhecido e sentir-se diferente.

Papalia, Olds e Feldman, (2001), corroboram que os adolescentes suicidas podem ter autoconceções desfavoráveis, sentirem-se perdidos, com baixa tolerância à frustração e com resiliências mitigadas. A falta de apoio dos pais e da família foram igualmente razões invocadas pelos participantes à tentativa de suicídio. Como apurado, houve episódios de rejeição da transexualidade do filho, de violência física e de expulsão de casa, corroborando Frazão (2014) quando elabora que o grau de rejeição da família, com violências e discriminação inclusas seja em casa, seja em ambiente escolar e social, é bastante preocupante. O temor e medo em sentir-se diferente e mal com ele próprio resulta do critério de diagnóstico da Disforia de Género cujo DSM-V² (APA, 2014) refere ser o sofrimento que a pessoa trans experimenta, podendo haver prejuízo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida destas pessoas.

Várias foram as interpelações alusivas aos pais e a inclusão do vocábulo família em quase todas as subcategorias, possibilitando traçar um pseudo perfil da envolvente familiar, segundo as percepções dos entrevistados. Ao nível do *coming out* houve reações que variaram no espectro entre a total aceitação e a completa negação. Dos dez entrevistados, cinco foram alvo de rejeições, agressão física e expulsão. As reações parentais dos outros elementos situam-se na variância da plena aceitação ou da ignorância voluntária ao *coming out*. Desta forma, e dando voz ao que Ramalho (2015) argumentou, confirma-se que por vezes na família ocorrem contextos hostis e discórdia na sequência do *coming out* dos filhos. Igualmente, e em

² Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – versão 5

interceção com este estudo, os jovens vivem em ambientes de terror, vergonha, medo e culpa por não viverem de acordo com a heteronormatividade vigente na nossa sociedade (Ramalho, 2015). Quatro elementos evocaram a família e a sua insistência no desrespeito pelo nome e pronomes corretos como fonte de *stress*, mágoa, revolta e dor que lhes aumentam os fatores de risco e mitigam a capacidade de *coping*. Relembramos o *survey*³ (2020) elaborado pela plataforma *The Trevor Project*, onde esta mesma problemática foi apontada pelos inquiridos, quando apenas 1 em cada 5 jovens trans veem o seu nome e os seus pronomes serem respeitados pelos demais. Ao nível da discriminação, há casos em que o entrevistado reconhece ser alvo de transfobia na própria casa. Concluiu-se que metade dos participantes vêem as suas identidades respeitadas pela família ao nível do uso correto do nome e pronomes masculinos, como corroborado pelo DSM-V (APA, 2014) nos critérios de diagnóstico da disforia de género, a pessoa transexual tem o desejo de ser tratado pelo outro género, acrescentando que em caso de adolescentes, é importante estarem em ambientes recetivos à mudança.

Descrevendo os fatores sociais do jovem transexual com comportamentos suicidas, almejámos compreender a envolvente social dos entrevistados e os moldes em que os mesmos estão inseridos na sociedade, e da mesma forma, perceber como esta sociedade lhes reage e envolve. Durkheim (1973) ressalva que quando o indivíduo se integra na sociedade esta opõe-se a que eles se esquivem pelo suicídio, neste caso o egoísta, aos deveres que têm para com esta mesma sociedade (p. 234). No campo das amizades dos jovens em estudo, compreendeu-se a leveza nas relações que mantêm com o grupo de pares, manifestadas através da reação dos mesmos ao *coming out*, assim como no cumprimento no trato pelo novo nome e nos pronomes masculinos adequados. Apoio, suporte, compreensão e conforto foram os adjetivos invocados pela maioria da amostra na descrição dos seus pares.

³ The Trevor Project. (2020). 2020 National Survey on LGBTQ Youth Mental Health. New York, New York: The Trevor Project. Acedido a 10 de Agosto de 2020. Em: <https://www.thetrevorproject.org/wp-content/uploads/2020/07/The-Trevor-Project-National-Survey-Results-2020.pdf>

Ao nível da comunidade, vários foram os cenários em escrutínio e variadas foram também as respostas da amostra que contribuem na sua maioria para uma fraca integração social, fruto de uma auto-ostracização ou de dificuldades que os jovens defendem serem criadas, quase diariamente. Desta forma, estes jovens vivem numa antecipação da discriminação, suprimindo-se de atividades de lazer que tantos consideram prosaicas. A disforia de género foi apontada como impedimento de conseguir viver sem receio do outro (coletivo). Este sofrimento adjacente à disforia pode justificar a autoproteção destes jovens na escolha em se omitirem da maioria das socialidades, ou por mecanismos que Giddens (2009) denomina por autoexclusão. O indivíduo suprime-se de algumas esferas da vida social, desviando-se da corrente dominante na sociedade, seja por escolha seja por questões de inadaptação.

Na esteira da discriminação percebida pelos participantes, os mesmos confessaram terem sido alvo de inúmeros episódios, seja enquanto mulheres lésbicas no período que precedeu os seus *coming outs*, e enquanto transexuais masculinos assumidos. Assim as manifestações de lesbofobia e de transfobia foram perpetradas na sua maioria sob forma de violências verbais, como insultos e injúrias, seja por parte do coletivo social em geral. Os entrevistados consideram o continuado desrespeito pelo uso do nome e pronomes masculinos por parte de terceiros, um subproduto da transfobia. Acrescenta-se um caso de violação sexual e de reiteradas violências sexuais a um dos entrevistados, que na sua perceção derivaram de uma reação negativa ao seu *coming out* enquanto transexual masculino.

Discute-se agora a perceção do jovem transexual da relevância do assistente social numa equipa multidisciplinar de saúde. A maioria dos entrevistados não conhece os pressupostos da atuação do Serviço Social e as competências profissionais dos Assistentes Sociais pese embora ter havido elementos que vocalizaram a importância vital da envolvência direta do Assistente Social na URGUS, sob a missiva de ser fundamental ao nível da garantia dos Direitos Humanos, da supressão da vulnerabilidade e do suicídio, nos casos de rejeição parental e de violência doméstica no acompanhamento

das famílias e dos próprios e para o acompanhamento entre consultas médicas. Desta forma, apresentam-se novos desafios à prática do Serviço Social, desafios estes que vêm reinventar e reorganizar as competências do Assistente Social (Bracons, 2019). Igualmente, poucos elementos da amostra revelaram não estar a ter qualquer tipo de apoio psicológico, seja por estar à espera de consulta, seja por não terem fluidez financeira para procurar ajuda privada, os restantes entrevistados que afirmaram tê-lo, remetem-no para uma formalidade inerente ao processo e em muitos casos não se cingindo às suas causas mais paradigmáticas.

Considerações Finais

A Organização Mundial de Saúde (2019) é perentória quando afirma que, anualmente, perto de 800 mil pessoas morrem por suicídio, afirmando igualmente que por cada morte conseguida, varrem-se inúmeras tentativas falhadas não contabilizadas. A OMS (2019) testemunha ainda que são várias as causas para que o indivíduo procure a via do suicídio, mormente a violência, o abuso, isolamento e ostracização, sendo que as taxas aumentam em grupos de risco como pessoas LGBTI, e no limite, o principal fator de risco associado é a presença de uma tentativa anterior.

A entropia que se desenrola em paralelo com a vida destes sujeitos é por si só um atentado aos Direitos Humanos, pois de acordo com o Artigo 1º “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade” (Nações Unidas, 1948), fraternidade esta que só se manifesta no endogrupo, pois no seu exterior a maioria sofre represálias, perseguições e reiteradas discriminações.

Esta investigação pretendeu dar luz às invisibilidades destes sujeitos, dar voz aos seus sofrimentos e dar oportunidade na partilha das suas vidas. Da mesma forma, pretendeu-se retratar as atuais respostas sociais no atendimento à população trans, assim como convidar na procura de pontos a melhorar que possam ainda

constituir um obstáculo ao bem-estar físico, mental e social desta população.

Existem grupos de risco que estão expostos ao suicídio e a subprodutos do mesmo. Esta exposição não decorre somente de desordens mentais, mas pode igualmente alojar-se no indivíduo com parcas resiliências e avolumados fatores de risco, como eventos stressores, problemas familiares e fraca integração na sociedade (OMS, 2019). Desta forma, e na compreensão que o segmento trans integra um grupo de risco, como corroborado no DSM-V: “Antes da redesignação de género, adolescentes e adultos com disforia de género estão sob risco elevado de ideação suicida, tentativa de suicídio e suicídio” (APA, 2014; p. 455), existe evidências de haver uma forte correlação entre indivíduos com disforia de género e suicidalidade, assim como o desejo de fazer a transição sexual poder culminar no corte das relações familiares e a concomitante rejeição (Marshall et al, 2016).

A única forma de prevenir o suicídio, é efetivamente apostar na sua prevenção, assim, é vital e imediato conceder a esta população os direitos, liberdades e garantias que assistem todo e qualquer ser humano.

Referências Bibliográficas

- American Psychiatric Association (2014). DSM-V. Manual de diagnóstico e estatístico das perturbações mentais. (5ª Ed). Lisboa: Climepsi Editores.
- Bracons, H. (2019). Conhecer para Intervir. Competência Cultural no Serviço Social. Lisboa: Editorial Cáritas.
- Coutinho, C. (2016). Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: Teoria e prática. Coimbra: Almedina.
- Dejun Su, Irwin, Fisher, Ramos, Kelley, Ariss, Mendoza, and Coleman. (2016). Mental Health Disparities within the LGBT Population: A Comparison Between Transgender and Nontransgender Individuals. *Transgender Health*. 1(1).<http://doi.org/10.1089/trgh.2015.0001>. [consulta: 16/04/2021]

- DGS, (2013). Unidade de Reconstrução Génito-Urinária e Sexual. [online]. Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra. Coimbra. Disponível em: <https://www.dgs.pt/ficheiros-de-upload-2013/urgus-pdf.aspx>, [acesso 15/04/2021]
- Durkheim (1973). O Suicídio, estudo sociológico. Lisboa: Editorial Presença.
- Fortin, M. F. (2009). O Processo de investigação da concepção à realização. (5ª Ed). Loures: Lusociência.
- Frazão (2014). Comportamentos autodestrutivos em lésbicas, gays, bissexuais e transexuais/transgéneros. C. B. Saraiva, B. Peixoto & D. Sampaio (Coords). *Suicídio e Comportamentos Autolesivos dos conceitos à prática clínica*. Lisboa: Lidel, pp. 406-413.
- Giddens, A. (2009). Sociologia. (9ª Ed). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Marshall, E., Claes, L., Bouman, W. P., Witcomb, G. L., & Arcelus, J. (2016). Non-suicidal self-injury and suicidality in trans people: a systematic review of the literature. *International review of psychiatry*, 28 (1), pp. 58-69. Disponível em: <https://repository.nottinghamshirehealthcare.nhs.uk/bitstream/handle/123456789/839/Marshall%202016%2058-69.pdf?sequence=1&isAllowed=y> [consulta:15/04/2021].
- Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001). O mundo da criança: Da infância à adolescência. (8ª. Ed). Amadora: McGraw-Hill.
- Pinto, Nuno, & Moleiro, Carla. (2012). As experiências dos cuidados de saúde de pessoas transexuais em Portugal: perspetivas de profissionais de saúde e utentes. *Psicologia*, 26(1), pp. 129-151. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492012000100008&lng=pt&tlng=pt [consulta: 16/04/2021].
- Pires, Álvaro (1997). *Échantillonnage et recherche qualitative: Essai théorique et méthodologique*. Montréal: Saguenay.
- Ramalho, Nelson. (2015). Competências e práticas afirmativas dos Assistentes Sociais com famílias e pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transgénero (LGBT). Carvalho, M.I (coord) - *Serviço Social com Famílias*. Lisboa: Pactor, pp. 125-138.
- The Trevor Project (2020). National Survey on LGBTQ You-

th Mental Health. [online]. New York: The Trevor Project. Disponível em: <https://www.thetrevorproject.org/wp-content/uploads/2020/07/The-Trevor-Project-National-Survey-Results-2020.pdf>, [acesso 14/04/2021].

United Nations (1948). Universal Declaration of Human Rights. [online] Paris. Disponível em https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/eng.pdf, [acesso 14/04/2021].

World Health Organization (2019). Suicide key facts, who is at risk. [online]. World Health Organization. Geneva. Disponível em: <https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/suicide>, [acesso 14/04/2021].